

"Estão esperando chover e o pessoal morrer. Eles não vão tomar providência alguma"

LAURA DA SILVA GONÇALVES



comunidade

Moradores aguardam auxílio-moradia

Sem recursos, habitantes do Riacho Doce continuam em área de risco

Mariana Bastos

A enchente na região do Riacho Doce, no dia 27 de março, deixou muitos desabrigados. A Subprefeitura do Butantã forneceu às vítimas colchões, cobertores e cestas básicas. No entanto, até agora, ninguém recebeu auxílio-moradia, conforme prometido anteriormente pelo subprefeito Daniel Barbosa Rodrigues.

Inicialmente, os moradores abrigaram-se na sede do Projeto Alavanca e na igreja católica Nossa Senhora de Fátima, mas foram retirados devido à indisponibilidade de espaço. No momento, a maioria dos desabrigados está hospedada na casa de parentes e amigos, algumas localizadas no próprio Riacho Doce.



MARIANA GRAZINI

O bebê de Vanessa Sobral nasceu e ambos vivem em área de risco

A Defesa Civil constatou que os barracos encontram-se em área de risco, mas não houve iniciativa de interdição de imóveis nem retirada de moradores.

A situação dos barracos é precária. Ocorrem vazamentos constantes e tremores. Além disso, o odor do lixo acumulado no córrego também incomoda os que vivem no local. "De madrugada, a gente sente tudo isso tremendo. Até quando não chove, treme.", afirma Vanessa Sobral, moradora do Riacho Doce que estava grávida de nove meses.

A falta de recursos é o principal motivo pelo qual os moradores do Riacho Doce não deixam suas casas. "Nós dependemos do auxílio-moradia para sair daqui, estamos abandonados. Precisamos da presença do subprefeito urgentemente!", diz dona Maria Izaura Ventura, que está desabrigada e dorme em um banheiro cedido por amigos.

COCESP e Subprefeitura do Butantã discutem propriedade do Riacho Doce

Documentos oficiais devem indicar verdadeiro dono do local

Mariana Grazini

O incidente ocorrido no Jardim São Remo trouxe novamente a dúvida sobre quem é responsável pela região afetada: a Prefeitura da cidade ou a Universidade de São Paulo (USP).

A Coordenadoria do Campus da Capital (COCESP) alega que o terreno pertence à Prefeitura. Já a Subpre-

feitura do Butantã responde que a USP concedeu a área à comunidade no passado, mas que a universidade continua tendo sua posse.

"NÃO ESTAMOS QUESTIONANDO DE QUEM É O TERRENO, MAS O DESTINO DOS DESABRIGADOS"

LAURA DA SILVA GONÇALVES

Os desabrigados e aqueles que permanecem em áreas de risco só poderão receber auxílio após uma decisão definitiva sobre o assunto.

Segundo Daniel Barbosa Rodrigues, atual subprefeito do Butantã, foram requeridos

documentos para indicar os proprietários do Riacho Doce.

Rodrigues diz também que, mesmo que se confirme a responsabilidade da USP sobre o terreno, poderão haver acordos com a universidade para que a Subprefeitura consiga atuar no local.

Até o momento, a única providência tomada pela Subprefeitura do Butantã foi a dedetização do local e a retirada do entulho, que ainda assim não foi totalmente removido da região.

Aconteceu em fevereiro

Ruan Gabriel

No dia 27 de fevereiro, a enchente no Riacho Doce atingiu 58 famílias e deixou cerca de 300 pessoas com suas casas danificadas.

A Defesa Civil orientou os moradores a se retirarem das áreas de risco e mudarem-se para um albergue na Rua Cardeal Arcoverde. Eles se recusaram por ser muito longe da comunidade, do trabalho e da escola das crianças.

As pessoas que tiveram suas casas destruídas foram provisoriamente abrigadas no Projeto Alavanca e em casas de parentes e amigos.

O subprefeito do Butantã, Daniel Barbosa Rodrigues, visitou as áreas atingidas pela chuva e prometeu tomar atitudes dentro de um mês. Nada foi feito até agora.



JOÃO PAULO FREIRE SANTOS

Situação no Riacho Doce continua a mesma